

## Eros e civilização

### *Mal-estar na condição amorosa*

(Argumento)

Conta-se que a Esfinge propôs a Édipo o seguinte enigma :  
*Alguém procria com alguém, alguém se casa com alguém,  
alguém dorme com alguém, alguém ama alguém, alguém  
tem prazer com alguém. Quantos são ?*

*Dois, respondeu Édipo.*

A Esfinge sorriu e disse : *Você ganhou. Saiba porém que  
você desencadeou a praga sobre a humanidade.*

*Você lhe deu o casamento ideal.*

J.-C. MILNER

O século XX viu os movimentos de « liberação sexual » proliferarem — se reclamando frequentemente da obra de Freud. Tabus foram derrubados, diques culturais caíram, deixando livre curso aos desejos e fluxos pulsionais, « liberando » das proibições toda zona erógena. Doravante todos os encontros, todo tipo de corpo-a-corpo erótico e amoroso, tornavam-se possíveis.

« *Quem não conhece o amor, desperdiça a sua vida* », dizia-se já nos anos 1900 da *Belle Époque*. « *É preciso viver seus amores quando eles surgem.* » O « amor livre » foi apresentado desde os anos 30 como a última figura da idéia moderna de Revolução.

Todavia hoje, nos anos 2000, constata-se por toda parte um recuo histórico, drástico e geral dessa « liberação » — algo que, há meio século atrás, nem as correntes conservadoras e reacionárias haviam logrado obter. « *Sex recession* », concluem as pesquisas. « *Baixa da libido no Ocidente.* »

A emancipação da sexualidade e pela sexualidade, assim como a realização de si no amor, deixaram de ser valores, credíveis e investidos como tais. Há no ar uma forma inédita de desconfiança em relação à sexualidade e ao amor. Mesmo o « Eros sem asas » (Kollontai), o Eros sem amor, reduzido à reprodução biológica da espécie, se eclipsa nesta situação (baixa massiva da natalidade no Ocidente depois do começo do século).

**O que aconteceu nesse meio-tempo ? Por qual espiral um século de « liberação sexual » resulta hoje numa baixa de libido amorosa e erótica sem precedentes ? Síndrome da individualização « liberal » contemporânea ? Efeito de uma nova moral puritana ? Sintoma de uma grande depressão coletiva nestes tempos de incertezas ?**

**Eros-*infans*, o amor passional, força capaz de abrir uma brecha na dita « realidade », a « falha repentina na lógica do universo », está em vias de ser relegado, esquecido, corrigido, racionalizado, numa palavra : civilizado. Mal-estar na condição amorosa e erótica contemporânea.**

1. *Eros*, nome grego do desejo amoroso e do deus que o encarna, é o termo que Freud escolhe para designar a força pulsional graças à qual tudo o que vive tende a se atrair e a se unir. Dos organismos às grandes unidades da vida coletiva (familiar, comunitária, nacional...), passando pelo “amor entre os sexos, que cantam os poetas” (*Massenpsychologie*, IV, 1921).

A partir da segunda teoria das pulsões (*Jenseits*, 1920), Eros denomina então o regime das pulsões de vida (auto-conservação incluída) que tendem a limitar e a *ligar* (*binden*) psiquicamente a circulação de energia, a fixá-la em representações e a constituir unidades estáveis. (Exemplo, aqui mesmo : a *regulação* articulatória lexical, sintática e discursiva.)

A essas pulsões se opõe o outro regime pulsional, o da tendência à desorganização, à dissolução (*Entbindung*) — da qual o gozo pode ser considerado como um modelo. (É a mesma energia pulsional, mas seguindo a tendência da mais rápida e completa descarga de excitação ; é apenas do ponto de vista de Eros que essa tendência é chamada “pulsão de morte”.)

O amor, Eros, aparece em suma como “*fator de civilização* no desenvolvimento de toda a humanidade” (*Massenpsychologie*, VI). Essa tese sustentará a análise da “psicologia das massas”, assim como a necessidade de combater a “inquietante dominação das forças da natureza” (*Das Unbehagen der Kultur*, VIII, 1930) e, junto com A. Einstein, guiará a resposta à questão da guerra (*Why War ?*, 1933).

2. Que Eros, assim entendido, faz falta hoje, basta olhar o estado do mundo, a civilização mundializada do desenvolvimento, para se convencer disso : competição geral de todos contra todos, desintegração geral do vínculo social, proliferação de « fobias » ao outro (xenofobia, negrofobia, aporofobia, homofobia...), derivas fascizantes de minorias à primeira vista progressistas, as guerras na Ucrânia e no Oriente Médio, a exploração irresponsável, suicidária da natureza e o colapso ecológico.

A agonia das chamadas democracias contemporâneas se acompanha invariavelmente de uma *regressão* sem precedentes (culto “descomplexado” à morte, ao ódio, à violência

sexual, às armas...). Os laços fundamentais (família, filiação, casal, amizade, confiança...) são por toda parte rompidos, profundamente e irremediavelmente.

Perante uma tal devastação social e psíquica, a estratégia aqui seria de partir das palavras de Freud a Einstein em 1932 (*Why War ?*), sobre um dos dois fatores que “garantem a coesão de uma comunidade” : “Tudo o que estabelece *laços afetivos* entre os homens só pode opor-se à guerra”.

Ou seja : as pulsões “eróticas” (*erotische Triebe*) para resistir à barbárie.

3. E todavia... Nós vemos imediatamente o que há de insuficiente nesse projeto quando cuidamos do que sofre intrinsecamente *na* civilização e *da* civilização (e considerando a atenção que nós *devemos* a esse *resto*).

Pois “o Eros do divino Platão” de Freud, epônimo da civilização, tem ele próprio uma dimensão repressiva, recalcante e até “anti-sexual”, dado que o que sofre por excelência sob ele é o “*sexual*” (para usar a ortografia germanizante proposta por Jean Laplanche); qualquer que seja o nome que dermos à coisa : sexualidade ampliada, anárquica, “infantil”, tendência ao desligamento (*Sexualentbindung*), *excesso*.

Ora é disto que se nutre tudo o que estará no centro da nossa reflexão : a paixão amorosa, o erotismo, o gozo, o êxtase, mas também a arte, a poesia, o pensamento (a metapsicologia). Será preciso em suma, com o trabalho destes últimos, nos dedicar *a escutar e a fazer escutar* esse *resto*, que motiva e sustenta este trabalho.

Isto exigirá, em particular, uma outra ideia de Eros, *para além do princípio do prazer*. A começar pelo Eros como *excesso de gozo*, dos poetas antigos (Hesíodo, Safo). “Eros tal como os anciãos o sentiam”, anotava Nietzsche um dia na margem da partitura da ópera *Carmen* de Bizet — o que lhe inspirou aliás, contra toda “barbárie civilizada”, a ideia de uma *outra civilização*, do Sul, mediterrânea, mais sensual, fluída, intensa, artista.

4. Entretanto a nossa civilização do desenvolvimento tecno-científico e capitalista, com a sua lei da troca se estendendo a tudo, os seus valores de retorno do investimento, crescimento, programação, competitividade, narcisismo..., e a sua ideologia cientificista do “tudo é possível”, entende, por definição, *denegar* o que está em questão no que sofre sob o Eros civilizador : a despossessão de si nativa, sua *infantia* constitutiva, a castração, o *pas-tout* (o não totalizável), a incompletude.

Ou seja, isso sem o que não poderia haver o que ocupará aqui o foco do nosso trabalho, isto é : a *passibilidade* originária, a faculdade de provar uma emoção inexplicável na ocasião de um encontro inesperado com algo que nos desconcerta e nos desestabiliza, a desordem da enamoração (a *Verliebtheit*), a iniciação amorosa.

Os sinais dessa denegação são inúmeros na sociedade contemporânea : a busca atual de relações “sem risco” e mesmo *sem* encontro, a escotomização sistemática do enigma do *sexual* e da *diferença*, etc. Mesmo o ativismo atual das minorias sexuais, sob as cores

da luta pela emancipação, se diz ainda essencialmente na língua dos valores do desenvolvimento do sistema (“ser empreendedor.a de si mesmo”, etc.).

Durante o século da chamada “liberação sexual” (de A. Kollontaï a W. Reich, H. Marcuse e para além deles) acreditava-se que o rigor das proibições e códigos sexuais era essencial para a reprodução das sociedades capitalistas e sua competição económica, tecnocientífica e militar. O capitalismo desenvolvido soube no entanto, ao contrário, fazer o seu *business* da derrubada dos tabus e da grande afluência perversa de ofertas e demandas. A pornografia tornou-se o paradigma do erotismo de massa; a mobilização geral de energias em pleno rendimento, inclusive no gozo, é mais eficiente do que nunca; e as guerras seguem, cada vez mais insanas.

5. É a própria “passibilidade inicial ao que nos acontece (*event, événement; Ereignis*, escrevia Freud)” que está fundamentalmente amortecida, insensibilizada, “ferida” observava J.-F. Lyotard, numa civilização obstinada em controlar o espaço e o tempo, em dominá-los, calculá-los, programá-los.

O que advém então à experiência amorosa, se “*o amor é o espaço e o tempo tornados sensíveis ao coração*” (M. Proust) ?

Ora, essa é a condição para que o amor venha abordar, no encontro, “o ser como tal” (J. Lacan, S. XX, *Encore*, 1972-1973).

Se o que é fundamentalmente atacado sob o desenvolvimento é a passibilidade “infantil” — esta disposição que torna possível esse encontro por excelência que é o encontro *amoroso* (“Só há amor à medida em que os adultos se aceitam como *infans*”) —, compreendemos então por que há um mal-estar na condição amorosa e erótica contemporânea.

Numerosos sinais dessa condição, a nossa, nos impelem a escutar e a pensar hoje esse mal-estar, esta angústia. Tal é, em suma, a questão que nos é colocada doravante.

Plínio Prado

Université de Paris VIII

Associação universitária de pesquisa em psicopatologia fundamental

### Referências

S. Freud, *Gesammelte Werke*, 17 vol., Francfort, Fischer, 1960-1988 ;  
tr. pt. *Obras completas*, 20 vol., Companhia das Letras, coord. Paulo César de Souza.

*Die Traumdeutung*, 1900 ; *A Interpretação dos sonhos*.

*Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, 1905 ; *Três ensaios de uma teoria da sexualidade*.

« *Das Unbewußte* », 1915 ; « *O inconsciente* ».

*Jenseits des Lustprinzips*, 1920 ; *Além do princípio do prazer*.

*Massenpsychologie und Ich-Analyse*, 1921 ; *Psicologia das massas e análise do eu*.

*Das Ich und das Es*, 1923 ; *O Eu e o Id*.

*Das Unbehagen in der Kultur*, 1930 ; *Mal-estar na civilização*.

*Warum Krieg? / Why War ?*, 1933 (*correspondence with Albert Einstein*).

## *Nota post-scriptum*

Cabe assinalar aqui uma coincidência entre o nosso tema, Eros e civilização, e a atualidade editorial e jornalística na França e em diversos países do dito Primeiro Mundo, neste começo de 2024. Coincidência que na verdade não é uma, pois o problema está no ar, insistindo, há um bom tempo.

Várias editoras ocidentais, além do *Wall Street Journal*, do cotidiano *Libération*, do IFOP (Instituto francês de opinião pública), etc., estão dando um lugar de destaque ao problema do amor e da sexualidade hoje. O tema geral é : a libido está a meio-mastro no Ocidente (segundo dados sobretudo dos últimos cinco anos). Recuo inusitado da relação amorosa, recessão sexual, desinvestimento relacional em geral. Amor e sexualidade têm dado origem a uma desconfiança amplamente difundida : eles tendem a ser vistos hoje como territórios perigosos, inseguros, arriscados. Eles vão contra a pretendida independência ou autonomia do eu, impedem um individualismo integral. Trata-se, em suma, exatamente da questão da *denegação* e do *mal-estar*, de que fala o nosso argumento.

Essa mutação das mentalidades, que os dados registram, é considerada sem precedentes nestes últimos cinquenta anos (depois dos anos emblemáticos da dita “liberação sexual” justamente). Ela abrange os EUA, a Europa, a Grã-Bretanha, a Arábia Saudita.

Numa palavra : a tendência mundial é dispensar o Eros (amor e sexualidade). O amor, a paixão amorosa, a relação ao outro, à sexualidade, são cada vez mais considerados como um fardo, do qual é preciso se livrar. Ao invés da liberação sexual, pretende-se buscar doravante uma liberação *do* sexual, tanto quanto possível. Convém evitar sobretudo o desafio do Dois, da *alteridade*, em prol de um conforto individual.

Eros tem hoje uma forte concorrência, a começar pela adicção à Internet. A pornografia e o sexo on-line — mesmo entre indivíduos vivendo em casal — garantem em particular a “segurança” de um prazer individual solitário, sem riscos, sem engajamento, sem encontro. (Esse autoerotismo mediatizado pela tecnologia verifica inesperadamente, à sua maneira, o axioma de Lacan : “não existe relação sexual”.)

Acrescente-se a isso os “alertas” do neofeminismo contra a relação amorosa e sexual, suas armadilhas e perigos, e a voga da regressão identitária, individualista e narcísica dos grupos ativistas atuais. Na época do indivíduo ego-centrado, negando a experiência de nossa incompletude constitutiva, num mundo onde sofrer psíquicamente é vergonhoso, não resta praticamente nada mais que tenha a ver com o amor : o amor deixa de ter sentido.

A tendência contemporânea é portanto rejeitar Eros, desqualificado por causa dos riscos de sofrimento que ele implica. Mas o romantismo europeu por exemplo, para

mencionar apenas ele, sempre reconheceu o sofrimento inerente ao amor, e o afirmou como um valor, a assumir (a música popular brasileira igualmente) : viver é amar e sofrer. O sofrimento já está inscrito na própria palavra *paixão* (como se sabe, a *passio* latina, do *pathein* grego, está na origem dos termos *pathos*, padecer e patologia). O amor, todo amor, tem sua fonte na experiência da perda e do sofrimento.

Logo, não há aí, no mal de amor, novidade alguma. A novidade está na obsessão atual em se defender a todo custo contra isso. Se proteger contra o menor sinal de “desconforto emocional”, como se diz pudicamente hoje (e mais secretamente : se defender contra a angústia suscitada pelo “*sexual*”). No mundo da performatividade e da ideologia da gestão, do “tudo é possível” e do “não há problema”, o sofrimento psíquico, em particular amoroso, sentimental, é visto como humilhante, vexaminoso. “Ser feliz” é doravante uma obrigação social, nesse mundo da individualização, do empoderamento e da competitividade, que se compraz em classificar os indivíduos em *winner*s e *loser*s.

Esse estado de espírito trai, à obra aí, um desejo compulsivo de controle de tudo pelo eu — incluindo a heteronomia radical constitutiva porém do humano, seu “território estrangeiro interior” (“nós somos *vividos* por forças desconhecidas e impossíveis de controlar”, sublinhava Freud há cem anos, em 1923 : querer sujeitá-las, é agravá-las).

(Toda essa denegação condiz perfeitamente com a época da “pragmática” da psicanálise pósmoderna, descrita por Laurence Kahn. Seria fácil articulá-la também com a problemática da “mutação antropológica” da sensibilidade de Franco Berardi — que nós poderíamos chamar de *insensibilização* geral, engendrada pela sociedade contemporânea.)

Os observadores se perguntam se a atual ruptura é um sinal de “liberação” individual, individualista, ou o sintoma de uma depressão coletiva — que, à diferença do bom senso, é hoje a coisa do mundo melhor partilhada. Todavia as suas abordagens simplesmente biológicas ou neurocientíficas de termos como “*libido*”, “*satisfação*” ou “*prazer*” já mostra que a maneira de colocar o problema faz parte aí do problema.

O fato é que essa profunda mutação quanto a Eros reclama um diagnóstico e mesmo uma clínica, que serão ao mesmo tempo, necessariamente, um diagnóstico e uma clínica da civilização contemporânea.

É aqui que nós haveremos, com nosso congresso, de dar a nossa contribuição.

P.P.